



Jornal
Relevo

EDITORIAL

A cadeia alimentar de um impresso de literatura sem fins lucrativos (e com uma equipe enxuta e naturalmente não-remunerada) faz de nosso trabalho uma turnê de força de difícil estabilidade técnica e temporal.

Sim, nós temos prazos e metas, buscamos entregar o jornal sempre no início do mês e o mais rapidamente possível aos assinantes e colaboradores. Entretanto, temos cá nossas contas, empecilhos internos para reunir a equipe toda e, muitas vezes, o problema basilar de cobrir os custos da edição anterior para abrir uma nova dívida – temos vinte dias para quitar a gráfica –. A emergência financeira nos leva a um grau de pressão que uma planilha de prestação de contas é incapaz de traduzir.

Não estamos aqui, de forma alguma, abrindo o muro de lamentações para chorar e abraçar a primeira pilastra bêbada que aparecer. É que às vezes tudo é apenas muito cansativo. Um jornal impresso tem especificidades quase emotivas. As páginas em múltiplos de quatro, as extensões dos arquivos, os pedidos singulares dos autores, a ilustração que perdeu intensidade na impressão, a gráfica que é na curva entre Stargate e Waterfall, todas as sutilezas que tentamos abarcar sendo o que somos: seres destalentosos comercialmente, com suas vidas em franca dissidência, procurando fazer o melhor possível em prazos exíguos.

Neste ano, excetuando janeiro, não tivemos prejuízos evidentes, contudo, muito em função de dispensarmos mais tempo para o jornal. Isso é bom e não é, com o perdão da desobjetividade. Não queremos um ombudsman de prato cheio. Estamos mais severos com equívocos atozes como crédito de imagens e origem de texto. Pensamos nos leitores com um produto mais arejado e coerente.

Acontece que tudo isso, como você agora pode visualizar um pouco melhor, demanda energia e vigor. O grande receio que temos é de que o amor, este ermitão, acabe por desgaste natural. Por ora, isto não parece passível de acontecer, exceto se nossos anunciantes debandarem e ninguém mais quiser nos assinar.

A teimosia é grande.

Sigamos.

Boa leitura a todos.

Ombudsman
Osny Tavares



Luísa Nucada 07

Glauco Mattoso 08

Lobbo



Ivone fs 14

Ana Peluso 16

Julia de Cunto 17

Amanda Souza 19

João Paulo Matedi 22

Martina Sohn Fischer 25

Ademir Demarchi 26

Nathália Dielú 27

Fernando Koproski 28

Luiz Horácio 29

Daniel Zanella



09 Jair Barbosa

12 Eliziane Nicolao

13 Homero Gomes

15 Bebeti do Amaral Gurgel

Mariela Mei



23 Adriano Feitosa

24 Paulo de Assumpção Marques

Daniel Osiecki

31 Isabelle Eler



EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeiro

Ombudsman: Osny Tavares

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 5 de maio

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

CAPA

Iara Amaral é artista e procura OVNIS nas horas vagas.

ERRATAS

Na edição de março publicamos errado o emeio da Poetria em seu anúncio. O correto é atendimentopoetria@gmail.com. Na página 32 de abril ficamos tão ansiosos com a edição deste mês que até escrevemos Próxima Edição em duplicidade.



PRESTACAO, ÕE CONTAS ABRIL DE 2014

ANUNCIANTES

R\$ 50 (FISK)
R\$ 50 (MARCIO RENATO DOS SANTOS)
R\$ 50 (PÃO & VINHO)
R\$ 50 (ÁGUA NA BOCA)
R\$ 50 (AVON)
R\$ 50 (CALCEAKI)
R\$ 60 (O TORTO BAR)
R\$ 50 (DEFENESTRANDO)
R\$ 200 (EXATO)
R\$ 150 (DICESAR BECHES)
R\$ 100 (ALLEJO)
R\$ 860

ASSINANTES

R\$ 50 (EMERSON CASTRO)
R\$ 50 (ANTÔNIO TORRES)
R\$ 50 (DANIEL OSIECKI)
R\$ 50 (ISABELLA LANAVE)
R\$ 50 (DANIEL BABALIN)
R\$ 50 (LUIZ HORÁCIO)
R\$ 50 (MARIELA MEI)
R\$ 50 (ISMAEL ALENCAR)
R\$ 50 (ALISSON MORAIS)
R\$ 50 (CINDY CARLOS)
R\$ 50 (PEDRO LEMOS)
R\$ 50 (JOÃO DEBS)
R\$ 60 (JAQUES BRAND)
R\$ 660

DISTRIBUIÇÃO: R\$ 80

CORREIOS: R\$ 330

PAPELARIA: R\$ 70

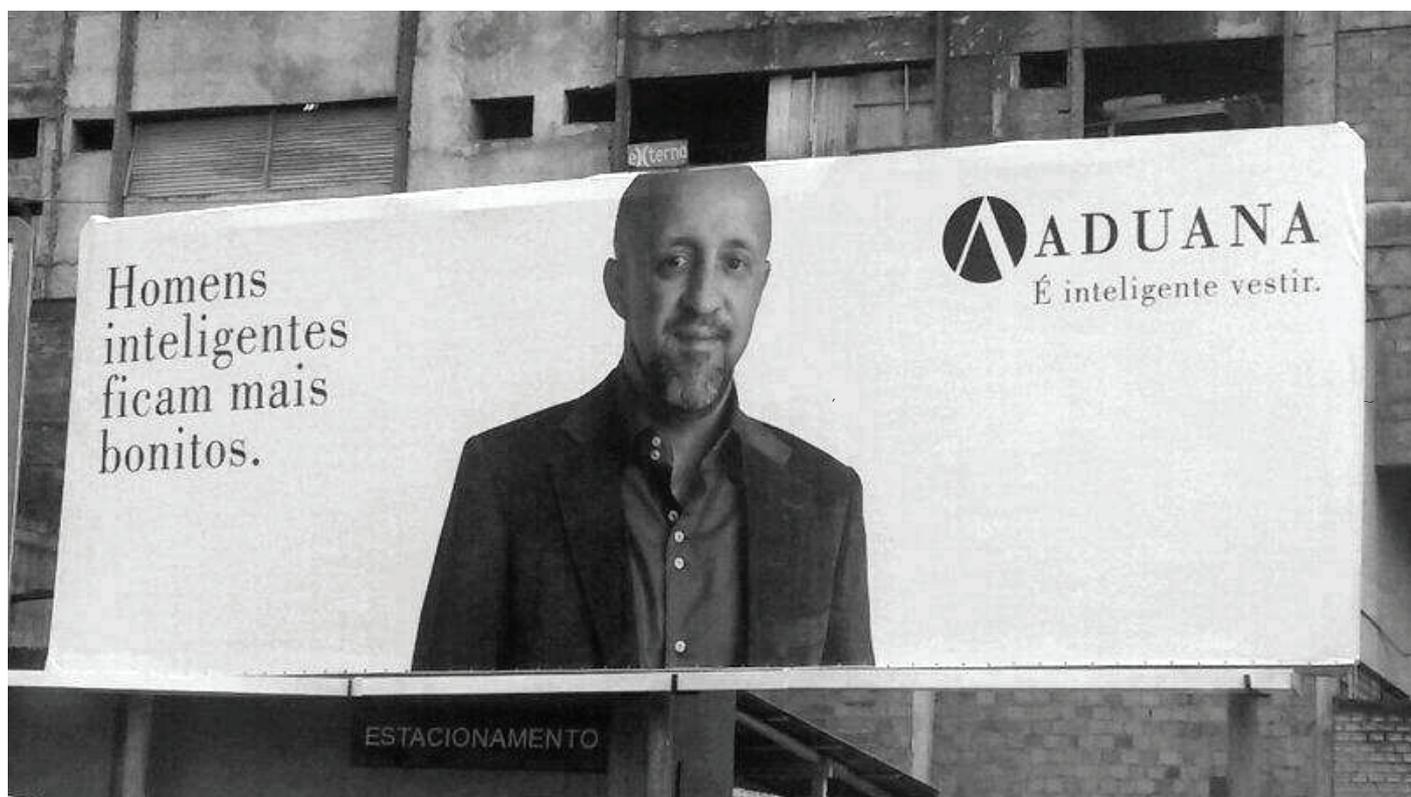
IMPRESSÃO: R\$ 1000

Custo Total: R\$ 1480

Total: R\$ 1520

Balanço: R\$ 40

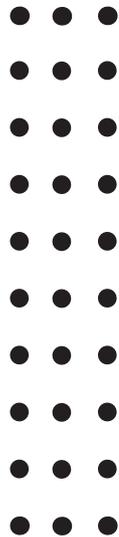
Osny Tavares
OMBUDSMAN



LITERATURA GRÁTIS AQUI!

No primeiro texto enviado ao RelevO, quando da estreia do espaço de ombudsman, comentei longamente sobre a necessidade de os artistas incorporarem a altivez do palco e se abrirem à provocação. Quando falo em artistas incluo os literários, também conhecidos como escritores. Estava então em meio a um longo ensaio pessoal, que relacionava a arte e a tecnologia com a experiência deste jornal, e usei um pequeno trauma de infância para ilustrar o que imagino ser um ponto de ruptura no fazer artístico. Era uma pequena analogia, claro, porque este processo ainda não se resolveu em mim. Ainda assim a ilustração parece ter cumprido o objetivo, pois nas semanas seguintes conversei com alguns leitores-escritores, do RelevO e similares, que demonstraram passar pela mesma – e necessária – aflição. Quero agora voltar ao assunto.

Em meu ainda curto e largamente incompleto desenvolvimento artístico-intelectual, tive a sorte e o prazer de ser influenciado por algumas pessoas-chave. Ironicamente, quem mais me desenvolveu literariamente foi um artista sem ligação direta com esta forma de arte. Músico ligado ao samba e aos movimentos culturais populares, ensinou-me pelo exemplo algo muito verdadeiro sobre o ímpeto da criação: fazer arte é se vestir de baiana e rodar no meio do Largo da Ordem, algo que ele fez de forma literal.



Comparando a música à literatura, há aqui uma diferença e uma aproximação. Por se tratar de uma arte performática, a música exige do artista o esforço em criar uma fruição “quente”, no qual o ato da criação ou execução de uma obra é parte incondicional dela. Diferente da literatura, produzida em oficina, clandestinamente, até que surja um produto final sedimentado pela impressão e que será usufruído pelo leitor em outro momento, de forma distante e independente do artista. Um ofício predominantemente solitário, tedioso até.

É um processo que deixa marcas evidentes na personalidade dos autores, que não raro desenvolvem uma tendência à introspecção e à timidez, quase sequelas da interação fria da linguagem escrita. Em períodos anteriores da história cultural, a poesia sempre serviu como contraponto, com declamações, concursos e apresentações públicas que aproximavam a literatura do teatro. Um ato que acabou se reduzindo à medida que a própria poesia perdia interesse entre o leitorado. Se este renovado interesse pelos versos, principalmente entre os jovens, não for apenas mais um balão de ensaio, seria interessante e importante que esse tipo de evento voltasse a ocorrer com frequência.

Porém, produção e divulgação não se guiam pelas mesmas balizas, e aqui a porca estica o rabo, pois, ao contrário do dito popular, já o mantém naturalmente torcido. Num campo marcado pelo excesso de produtos, propostas, autores e aspirantes, conseguir um espaço de relativo destaque requer certo jogo de ombros, que implica não somente insistência, mas, sobretudo, uma boa dose de abnegação e contemporização. Traduzindo para o português corrente: cara-de-pau. Largos e arranhados são os ombros do escritor. O gaúcho Fabrício Carpinejar pode ser um exemplo positivo. Mais ouvido que lido, é um cara que soube usar a chamada “cauda longa” a seu favor. Tirando um ou outro excesso, há o que se aprender com ele.

Com a planificação do acesso aos meios de comunicação, o autor se transformou em um promotor de si mesmo. Isso é ainda mais evidente entre iniciantes, que precisam chamar a atenção para si e sua proposta artística. Mas as

características de personalidade que elenquei acima parecem criar uma cultura de passividade, em que o autor apenas se arrisca a colocar a cauda para fora d’água e espera ser pescado. É um comportamento ainda mais arraigado em Curitiba, onde escritores faziam edições artesanais e distribuíaam entre os amigos. Pode ser válido dentro de uma proposta limitante, e num tempo anterior ao nosso. Mas jamais se consolidar com tradição.

Um editor, diante de um site ou jornal de literatura, deve se sentir como o Cristiano Ronaldo diante do Tinder. Tudo deve ter mais ou menos a mesma cara – a maioria apazível; a extrema minoria, apaixonante. O RelevO é um periódico que se destaca por não ser escravo do próprio projeto editorial e gráfico. Ainda assim, seus colaboradores eventuais pouco oferecem de inovação estética. O pessoal do design é o melhor que a ausência de dinheiro pode comprar, capitaneado pela eficiente Lara Amaral. E não digo isso apenas por saber que ela nutre uma recíproca admiração por mim, mas porque há aqui um zelo pela elegância e legibilidade não muito comum em similares. Tenho certeza que esse pessoal adoraria afinar o contato com os autores e pensar um produto conjunto entre texto e imagem, estreitando o diálogo entre os dois discursos.

Também há recalibragem possível para o texto. Desenvolver minha opinião sobre isso vai requerer uma nova coluna, provavelmente a próxima. Se não tomar cuidado, posso estar estimulando o mesmo modernismo fora-de-época quase dadá, meio afetado, meio jeca, que ronda nossa gleba.



O que você sabe de Curitiba? Que Curitiba você conhece e ama?

“Um olhar sobre Curitiba, construído durante 40 anos de leitura, de observação, mas principalmente por causa de um convívio, e muita interlocução, com inestimáveis amigos, vizinhos e familiares, que me fizeram compreender o que é a capital paranaense... O meu olhar”.

Curitiba foi *dicionarizada*

Encontre nomes e renomes, preferências e costumes, tradição e atualidade, em meio à chuva, o almoço de domingo, o pinhão e outras palavras que fazem parte do cotidiano dos curitibanos e curitibanas.

Uma cidade prosa, mesmo com tanta poesia...

personagens,
mitos,
delírios,
fantasmas
e sutilezas.

O que é tipicamente curitibano?

O caminhar contínuo pelas ruas, em meio a temporadas de garoas e chuvas que molham das meias ao cabelo...

Lançamento do:

DICIONÁRIO AMOROSO DE CURITIBA

Livro de Marcio Renato dos Santos; ilustrações de Osvalter Urbinati

A editora **Casarão do Verbo** e **Livrarias Curitiba** convidam para um bate-papo, com a presença do editor Rosel Soares, seguido de sessão de autógrafos

Av. Sete de Setembro, 2775 - Centro
6 de Maio | 19h
Livrarias Curitiba | Shopping Estação



DICIONÁRIO AMOROSO DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Quem ama consulta!

Apoio:

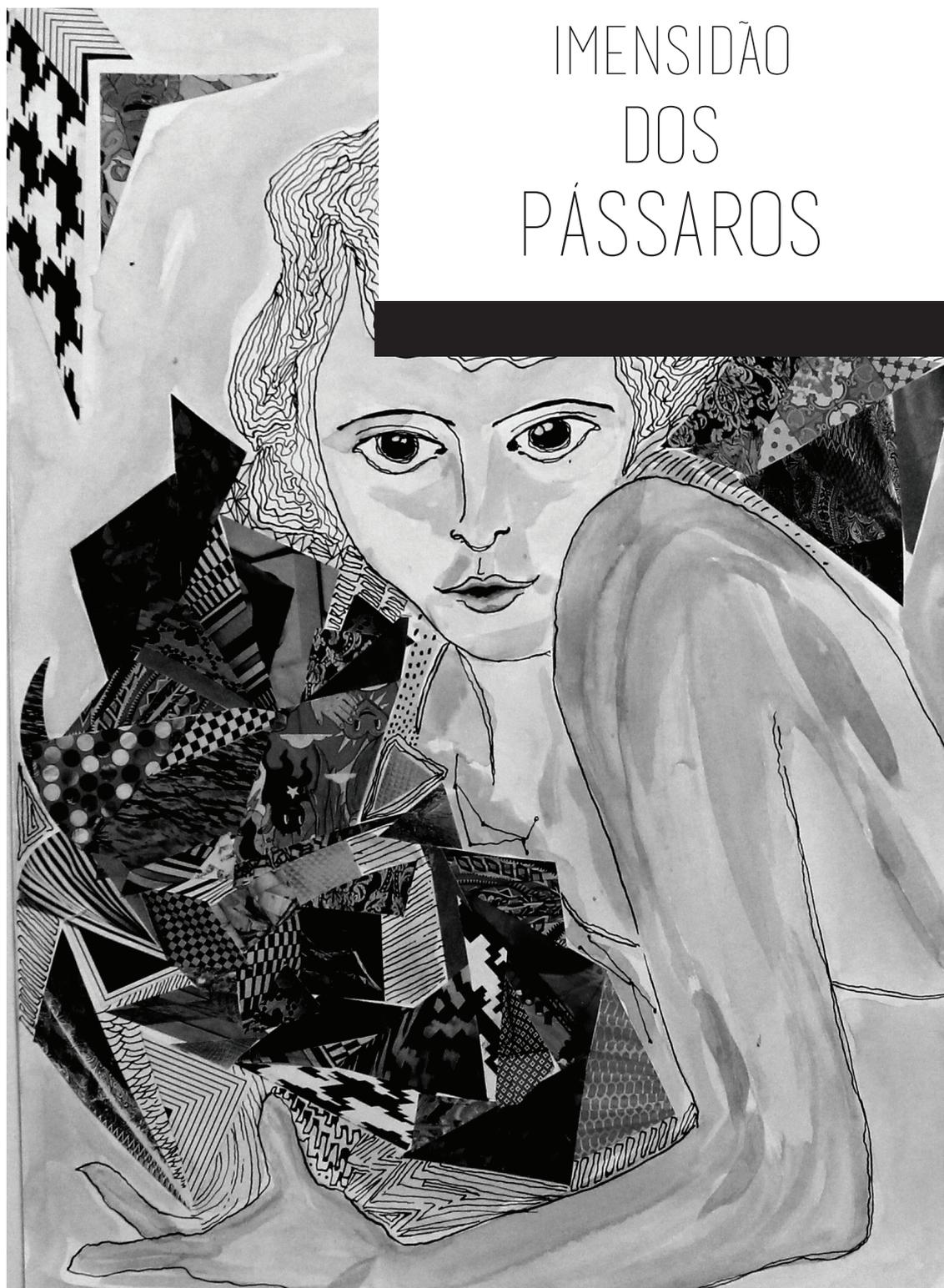


facebook.com/casaraodoverboeditora
www.CASARAODOVERBO.com.br



Daniel Zanella

IMENSIDÃO DOS PÁSSAROS



Lembro-me de Domingos de Oliveira
em Todas as Mulheres do Mundo
perguntando o que
uns olhos têm que outros
não têm.

Quando tinha treze anos
me apaixonei pela Ana
seus olhos eram dourados
e escrevi cinco textos
que ainda bem extraviaram.

Minha segunda namorada
– tenho um critério torto para não nominar o passado –
tinha olhos verdes que ficavam
um pouco tristes quando amanhecia
ela era especialmente bonita por isso.

Até os vinte e dois eu cometia cartas de amor
a moça do restaurante e seus olhos azuis de dilúvio
me deixavam perplexo
e hoje isso até me parece engraçado
imaginar o que é feito de tanta caligrafia equivocada.

Por estes tempos
andei me reservando a uma paixão
de olhos azuis quase mortos
gelados como um inferno
de Baudelaire.

Ali me demorei por dois meses
apesar de ciente do princípio básico de
nunca confiar em quem tem
olhos-de-abismo
mas somos teimosos, Ana.

Então numa madrugada você chegou
recuperando o dia
*Ergueu o firmamento acima da terra como uma tenda
sem colunas para sustentá-la*
com seus olhos negros de dissipar universo.

Como ando menos eufórico
vejo seus traços com o distanciamento
de um navio estrangeiro
que pode muito bem desaparecer na imensidão de
alguma conferência de pássaros.

Mas se acontecer num dia qualquer
de até acendermos juntos um cigarro
vamos tragar o amor, Ana, e
das cinzas
vestir o nosso passado.

Iara Amaral
Técnica: Aquarela, nanquim e colagens

Luísa Nucada

O CORTIÇO

A esquelada e descabelada funcionária do pensionato me conduz até o dormitório.

Pareço um cabideiro ambulante: um mochilão de 50 litros nas costas, uma mochila na frente, uma mala média de rodinhas, uma mala de mão, uma sacola e um casaco debaixo do braço. A estadia na capital São Paulo será de três semanas apenas, mas como estou em trânsito, levo toda minha mudança. É quase meio-dia. Nos três beliches dispostos no quarto jazem moças dormindo seminuas. Com seu dedo cadavérico, a funcionária me aponta o único leito livre. Não tem travesseiro, nem roupa de cama, informa. Observo-a, conjeturando se ela seria usuária de crack.

Com os ombros caídos, esquadrinho o aposento. No chão, um emaranhado de fios e extensões: carregadores de celular, fontes de notebook, uma chapinha com a boca de jacaré aberta, um secador de cabelo atirado num canto. Sento na cama e me deparo com uma unha postiça sobre o colchão. Completamente exausta da viagem de 12h de ônibus e do abrasador calor paulistano, largo as malas e me deito, encolhida, em posição fetal. Sinto os olhos marejarem e bate aquela arrebatadora precisão de colo materno. A famosa “hora em que o nego chora e a mãe tá longe”.

Minhas companheiras de quarto começam a despertar. Em quinze minutos ouço relatos de assaltos no centro de SP, depoimentos de dramas familiares e pindaíbas financeiras; brigas internas, fofocas e intrigas da convivência. Uma delas conta que “Fulana sempre perde suas calcinhas e acusa a gente de ter roubado”. Preconceituosa, desconfio que, pela estampa, linguajar e temperamento, minhas distintas roomies sejam profissionais do sexo. Não que putas me repilam; apenas não condizem com o “ambiente familiar” anunciado no site do pensionato.



Dox
Técnica: Nanquim

Por sorte, meus colegas de estudo chegam e me resgatam do quarto das moças de família. Formamos um time de onze, todos de fora, a fazer um curso de 20 dias na selva de pedra. Somos instalados numa antiga garagem recém-reformada, transformada em quarto. Tudo novinho, beliches e colchões, o que causa ciúme nos outros moradores. Mas o lugar é um galpão carente de janelas, mal arejado. Os ventiladores de parede se esforçam pra dar conta do recado, mas produzem mais ruído do que vento.

Alguém define que ali “só tem puta e veado”, mas a verdade é que a fauna humana é das mais ricas e diversificadas. Renderia um documentário à la Edifício Master pra Coutinho nenhum botar defeito.

O pensionato, cravado num tradicional bairro italiano, é formado por dois casarões meio em reforma, meio caindo aos pedaços. A parte interna é um labirinto de corredores estreitos e balouçantes escadas metálicas em caracol, que levam a outro piso, e a outro, e a outro. Em cima de tudo tem o terraço, costurado pelos varais onde se estendem as roupas dos 120 moradores. Na cozinha, moças fritando hambúrgueres e cartazes grudados na parede avisando pra guardar comida na geladeira somente na devida “tapouer”. Meia dúzia de máquinas de lavar sambam sobre o chão molhado da lavanderia improvisada, rapazes jogam videogame numa sala, há rodinhas de violão no pátio e noveleiros assistindo o Félix pela TV. Um brutamontes que é a cara do Vin Diesel faz a segurança noturna. É ele quem dá o toque de silêncio das 22h e fiscaliza se não há moças entrando no quarto de rapazes, e vice-versa. Bebida alcoólica também não pode, que o Vin Diesel tá de olho.

Numa rápida excursão à cozinha pra esquentar a água do cup noodles, cruzo com um estudante francês, um ucraniano curtindo férias e um nigeriano que veio em busca de trabalho. Alguém define que ali “só tem puta e veado”, mas a verdade é que a fauna humana é das mais ricas e diversificadas. Renderia um documentário à la Edifício Master pra Coutinho nenhum botar defeito. O aluguel barato – cerca de 400 mil para dividir o quarto com mais cinco pessoas – atrai desde adolescentes que brigaram com os pais até profissionais liberais começando a erguer a vida.

Ali, eu e meus dez coleguinhas vivemos nosso Big Brother particular, no maior clima de colônia de férias. Trocamos de roupa em cafofos improvisados, brincamos de mímica tarde da noite, estudamos, organizamos seminários, dividimos mijos, disputamos os únicos dois espelhos, usados por todos para maquiagem, fazer a barba, botar lente de contato... Na segunda semana, um colega conseguiu a proeza de quebrar a pia do banheiro. Quase todas as noites, alguém resolvia assistir seriado até tarde e atrapalhava o sono da geral. Sempre tinha alguma louça suja pela qual ninguém se responsabilizava. Não nos conhecíamos antes de chegar ao pensionato. O regime de intimidade forçada por vezes irritava, mas, acima de tudo, aquecia o coração. Foram vinte dias de perrengue e desconforto, mas também vinte dias de amizade.

E a esquelada e descabelada funcionária do lugar, sempre vestida com leggings estampada e blusa colorida de alcinha, no final das contas mostrou ser massa pra caralho – solícita, carinhosa e ótima companheira de mesa de bar. Não, não fumava crack.

Glauco Mattoso

SONETO DOS
ÓCULOS
[1599]



Haste larga, lente grossa,
no nariz faz machucado.
Mas, sem ele, tem quem possa
ler poema publicado?

Para perto, foi chamado
“meia taça” e “velha bossa”.
Para longe, seu pecado
é que até na testa roça:

Foi um “fundo de garrafa”
que eu usei, até que a estafa
me esgotou toda a visão...

Mas, agora, a lente preta
faz que um besta não se meta
no caminho do meu cão.



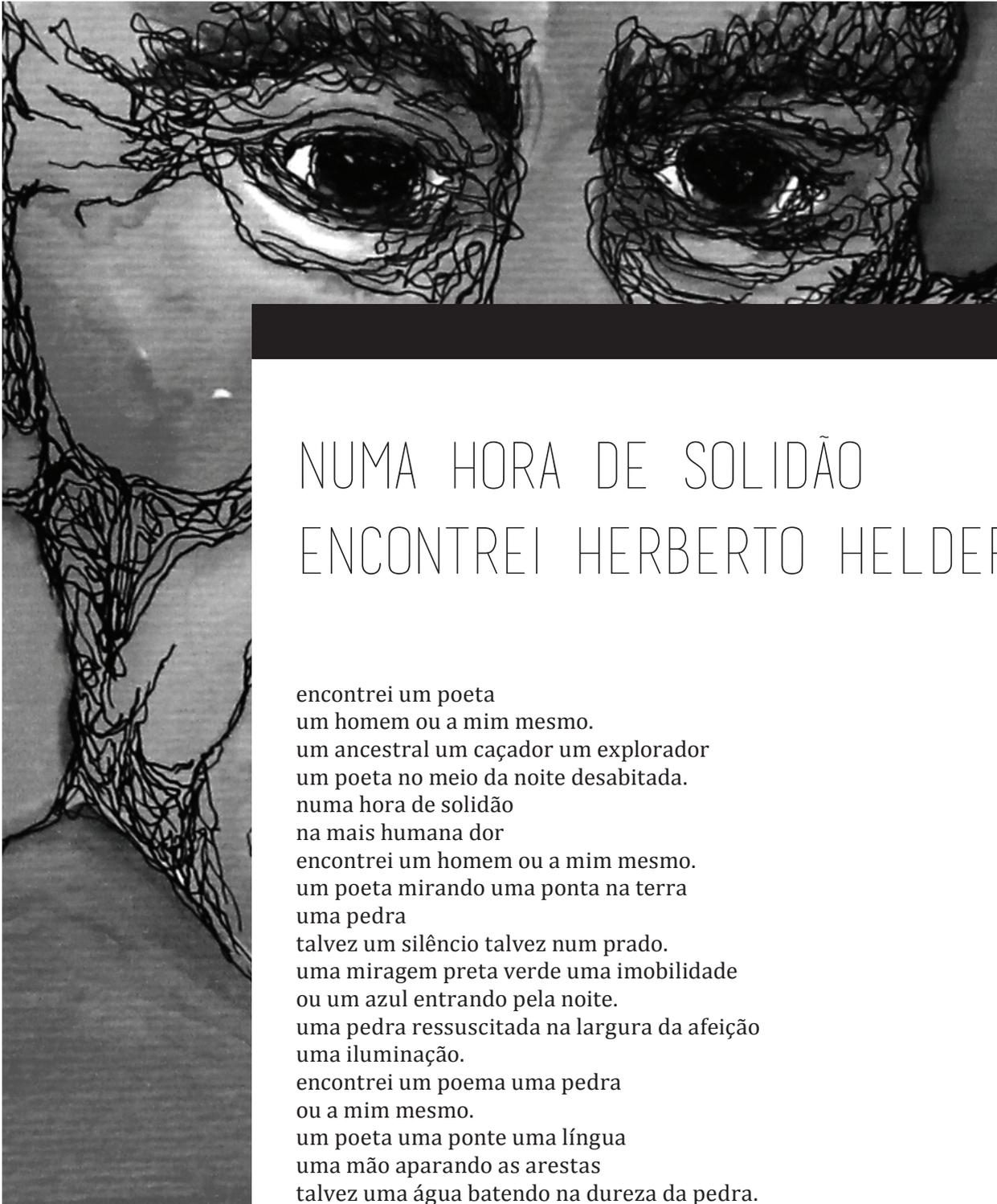
Lucas van Leyden

Susannah and the
Elders

engraving

c1508

Jair Barbosa



NUMA HORA DE SOLIDÃO ENCONTREI HERBERTO HELDER

encontrei um poeta
 um homem ou a mim mesmo.
 um ancestral um caçador um explorador
 um poeta no meio da noite desabitada.
 numa hora de solidão
 na mais humana dor
 encontrei um homem ou a mim mesmo.
 um poeta mirando uma ponta na terra
 uma pedra
 talvez um silêncio talvez num prado.
 uma miragem preta verde uma imobilidade
 ou um azul entrando pela noite.
 uma pedra ressuscitada na largura da afeição
 uma iluminação.
 encontrei um poema uma pedra
 ou a mim mesmo.
 um poeta uma ponte uma língua
 uma mão aparando as arestas
 talvez uma água batendo na dureza da pedra.
 encontrei um olhar um delírio
 um incêndio florindo na imaginação
 um homem ou a mim mesmo.
 numa hora de solidão uma ponte uma afeição
 um poeta mirando uma pedra.

Iara Amaral
 Técnica: Nanquim



literatura
 cultura
 café
 música
 humanidades
 artes visuais
 infanto-juvenil
 histórias em
 quadrinhos
 cursos
 pessoas

 Poetria Livros e Arte

www.poetria.com.br
 poetria@poetria.com.br
 41 3046 3036

Av. Vicente Machado, 865
 loja 3 Batel Curitiba-PR

atendimento@poetria@gmail.com



Lara Amaral
Técnica: Aquarela

NÃO MAIS

Não mas bem antes de mais nada que fique claro que nunca imaginei que ela fosse possível muito menos existente.

Eu estava umas três semanas atrás naquele meu bom e velho jeito filosofia de irritação com a simples ideia de levar alguém a sério e eu me levar a sério o bastante para ser boa pra alguém o que quer dizer que eu prosseguia fugindo como um coelho de tudo que significasse esforço excessivo tirar a bunda da cadeira e possível ou melhor provável decepção mais tarde – e eu não estou em posição de sofrer mais um baque cósmico daqueles agora que tenho mil coisas para fazer mas onde eu estava mesmo –

Como foi que menos de um mês depois de literalmente ver a tal menina impossível pela primeira vez de relance numa festa todos os garotos perdidos peter pan e etc e tal em que eu estava louca e ela mais ainda nós estávamos deitadas na cama dela abraçadas sem roupa alguma eu não sei explicar. E de repente eu até tomei consciência disso e pensei que talvez fosse entrar em pânico total pegar um bloqueio como sempre pensar “que bosta é esta quero ir embora” mas o que aconteceu foi que expus esse pensamento tipo feliz curiosa meio impressionada e ela de um jeito muito honesto empolgado olhando assim bem c’aqueles olhos amendoados pretos loucos adoráveis e ela respondeu falando no jeitinho todo me amando eu

acho e nós dormimos juntas felizes grudadas macias depois de desligar a TV onde mostravam uns recordes “bizarríssimos” do Guinness e eu dormi facinho gostoso como nunca ouvindo-a respirar segura tranquila de si “de buenas” como ela fala tão amável tão amada nas minhas costas beijei os dedos lindos tatuados fortes e só acordei na manhã seguinte segurando apertado seu corpo meu bichinho de pelúcia ela já acordada e sorrindo para mim “bom dia amor” beijo na testa no nariz minha barriga gelada de borboletas meu coração quentinho chamando amando querendo pedindo morrendo – como depois nós conversávamos ela maravilhosa linda segurando minha orelha assim distraída e eu falei de como sou louca e tal completamente grilada minhas paranoias ódios e aí a história saiu dos trilhos e contei umas esquisitices que ninguém sabia (coisas de uma mente arruinada) eu falei “eu sou lobisomem” e tudo o mais “eu gosto de sentir dor eu quero ser abusada quero que sintam medo de mim na lua cheia” e ela perguntou se eu mataria alguém eu disse que – assim meio omitindo meio piscando os olhos em-cima-do-muro que nem naquela tarde em que ela fez strogonoff pro almoço e eu peguei um prato bem razoável pra aparentar uma mocinhez que obviamente não existe e quando vejo ela toda olhosorrisovergonha em pé na cozinha segurando um prato com uma MONTANHA DE COMIDA com um jeitinho tipo humilde tipo cãozinho e eu

VOX URBE

Toda terça

Abertura do Bar 21h

Entrada: R\$ 6,00

Worka Bar Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026-6272

senti uma satisfação gigante orgulho e enchi mais ainda meu prato feliz da vida e a dona da casa assim “MEU DEUS CASEM LOGO” tudo bem vamos casar depois comendo sanduíches monstruosos juntas e assim por diante – e assim do mesmo modo cheiodededos eu falei “Ah eu mataria alguém se tivesse um bom motivo” mas ela fez a mesma coisinha de cachorrinho e disse “Eu não sei se precisaria de um bom motivo” tão corajosa eu pensando: tem como ela ficar mais bonita? E beijei-a devagarinho meus dedos no pescoço dela sentindo a garganta os tendões a jugular forte viva depois apertando um pouco (queria enfiar os dentes “Você é uma lobinha” mas não por motivos de chupões) o violão no meu colo nos separando eu o joguei pro lado e ela me atirou pra trás na cama minha cabeça pendendo pra fora e me olhou bem fundo bem louca bem assassina linda perfeita e eu falei baixinho “Você quer me matar?” e ela perguntou se eu queria isso aí respondi falando na boca rosinha “Eu quero que você me mate e depois me reviva de amor cem vezes” e ela de repente apertando puxando daí simplesmente segurando com todo cuidado “Meu Deus você me deixou tonta de tesão e carinho ao mesmo tempo – elas não te reviviam depois não é” “Não” “Eu te amo” E aí nossas testas coladas olhos colados sérios sofridos olhos de gente errada que errou pelas ruas até encontrar sua metade olhos que diziam “quero seu corpo seu sangue sua pele me

tatue em você ah por favor eu sou uma criança que tem medo eu sou sua sua sua eu sou má eu fiz coisas horríveis e mereço sofrer então me castigue por amor me castigue pra me salvar” e as mãos reconhecendo buscando e ela falou “Você me cortaria?” (com uma lâmina) Ah meu amor eu te amo tanto não faz isso comigo eu queria sua dor bem vermelha quente no meu corpo minha barriga coxas eu juro eu quero mas não posso eu prometi que não te machucaria você esqueceu? “Por favor não vai doer” assim tão viva e eu desisti eu sorrindo eu animal dizendo sim sim sim ela maravilhosa louca talvez louca por mim me beijando arranhando ferindo como eu gostava e eu “Como você vai me matar?” e ela rosou “Com força” eu miei e me enrosquei nela macio com dentes nos meus ossos unhas cavando entre minhas costelas querendo tirar meu coraçãozinho frio transornado só dela pra fora e comê-lo enquanto eu deliciada preguiçosa tranquila finalmente tendo o que merecia e amando mais que tudo talvez porque não apenas ela é gostosa pra caralho e tem uma pegada que me coloca no meu lugar que eu mereço bem certinho rápido forte mas o mais importante em se tratando de transar é olhar a pessoa e ver aquele brilho meio maníaco de quem quer – ou melhor PRECISA daquilo estar dentro de você apunhalando você uivando por você (sim) brilho que sempre procurei e nunca encontrei de verdade mas ah como me faz feliz agora ter uma petit

mort com uma selvagem exilada como eu e correr com ela pela rua pelo deserto apesar de tudo ser um pouco diferente na manhã seguinte (que no caso é o problema dos lobisomens) o sol entra pela janela direto nos seus olhos dissipa a lua da sua cabeça e você pensa melhor mais coerente pensa que quer casar filhos uns investimentos aqui e ali talvez fodam-se as cadelas comunistas e poder sentar quietinha numa sala na Riviera francesa cheia de rifles da guerra civil nas paredes só se preocupando em bater seus contos no teclado e umas aventuras doidas pelo mundo – não mas aquele bom e velho gosto de ressaca que acompanha os loucos e eu tenho tanto a fazer de fato tantos livros tenho que ler Joyce Dos Passos Ezra Pound Fitzgerald tanto pra aprender ensinar cervejas martinis (ela gosta disso e me acompanha) estradas guerras então estou absolutamente pacífica confiante pela primeira vez na vida talvez agora eu seja uma tal MULHER enfim depois de todo esse tempo tropeçando por aí joelhos sempre ralados uma ou outra marca de salto alto na cara agora parei de cair porque aprendi a andar em qualquer tipo de chão e isso é tão importante tão gostoso e afinal de contas se cair não tem problema tão bom saber que consigo levantar de novo sem maiores danos psicoestéticos. Então finalmente eu só queria mandar um abraço para quem assiste fervorosamente acompanha desde o agourado nascimento da menina do número 13 falavam “Nunca vai conseguir” “Sem futuro para você” chupem meu futuro por gentileza e sem mais para o momento despeço-me.

FISK
CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 33
TELS: 3642-3690
3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

Eliziane Nicolao



AMIZADE DE CRISTAL

Elas eram meio meninas, meio mulheres,
Meio amigas, meio irmãs,
Meio magas, meio princesas.
Durante o dia
Recebiam o sol de braços abertos
E à noite, em meio a seus cristais
Refletiam a lua
Como ninguém mais ousaria.
Juntas guardavam os segredos
Que os ventos deixavam em seus cabelos
E escreviam as lendas que os vulcões
Expulsavam do centro da terra
Entre elas uma história
Poderia ser contada
Com um pousar de cílios.
Dizem os de épocas passadas
Que algo assim
Vem de outras vidas

Iara Amaral
Técnica: Aquarela



JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

LIVROS VINIS

RUA ALFREDO BUFREN, 51, CENTRO - CURITIBA/PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COMBR

JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM

FACEBOOK.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Homero Gomes

ROLETA

*Conto integrante da coletânea Sísifo
Desatento, Editora Terracota, 2014.*

Era um 38 preto cortado na serrinha. Comprei de um colega do trabalho, com o número de série raspado. Depois da compra, meu passatempo era limpar e dar uns tiros nos terrenos baldios do bairro. Mas em casa fazia diferente.

Eu e meu irmão esperávamos a ceia de Natal ficar pronta.

Carreguei o tambor do revólver com apenas uma bala e propus um jogo. Pensei que meu irmão não toparia a provocação.

Topou.

Então, girei o tambor, encostei o cano da arma no meu peito. Com rapidez apertei o gatilho. Senti minha coluna gelar.

Não houve disparo.

Entreguei o revólver pro meu irmão que, depois de girar o tambor, posicionou o cano na orelha direita. Apertou o gatilho com um sorriso nervoso na boca.

Não houve disparo.

Ele estendeu a arma para mim, tremendo. Segurei com firmeza e girei o tambor três vezes, tentando esconder a bala. Apertei o gatilho, apontando para o céu da boca.

Não houve disparo.

Com um sorriso cínico devolvi o revólver a meu irmão, que girou várias vezes o tambor, posicionando a arma no meio da testa.

Houve algo como um disparo.

Mas da arma não saía fumaça. Nem luz, nem estampido. Dela ecoou uma nota aguda, como a de uma corda de guitarra arrebentando.

Peguei a arma da mão dele para ver o que havia de errado. Nada. Tudo normal. A bala ainda estava intacta.

Rodei o tambor novamente, coloquei o cano no meu pescoço. Eu hesitava. Sentia meu rosto quente. Minha mão tremia.

Vamos, não vá parar agora.

A provocação dele me deixou mais tenso. Sem respirar, apertei o gatilho. A nota aguda se repetiu.

Mas foi só.

Meu irmão pegou a arma. Falei que já era o suficiente.

A mãe já vai nos chamar para cortar o peru. O jogo estava perdendo a graça.

Mas ele não deu atenção. Sem girar o tambor, apertou o gatilho.

A arma disparou no olho direito.

O estouro do projétil foi silencioso. A bala penetrou sem resistência. Não houve sequer um gemido. Da ferida saía fumaça.

A arma dissolvida em um líquido viscoso e negro. Depois, o braço do meu irmão, o tórax, as pernas, a cabeça e os dentes, que formaram um sorriso desigual no piche que cobria o carpete.

O dissolver da morte é uma água negra.

Ouvi minha mãe nos chamar para dar início à ceia. Ao fundo, meu pai gorgolejava Jingle Bells. Sua voz rouca de velho.

No chão, a sombra do meu irmão secava.

Enquanto pensava no que havia acontecido e no que deveria contar aos meus pais, a porta do quarto foi abrindo e um vulto colorido se formou no batente.

Você vem ou não?

Era meu irmão, que naquela noite de Natal se libertou de sua sombra, dissolvendo a morte com um sorriso desigual sobre o carpete.



Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

AVON
the company for women



X O X
X O O
O X ENCRENCA
LITERATURA DE INVENÇÃO

ENCRENCALITERATURA@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/ENCRENCALITERATURA
WWW.ENCRENCALITERATURA.WORDPRESS.COM



A - V - O - A - R

convém, pela manhã, fazer uma oração
os dias têm andado instáveis demais
comer panquecas americanas por pura preguiça
de ir até a padaria convém pintar as unhas
ao acordar

jeito de diminuir o atropelamento de pequenas
coisas a fazer e que, na verdade, correm um sério
risco de não serem feitas no decorrer do dia.
meu desgosto maior se concentra nessas ninharias
que não faço.

convém ler ao menos dez páginas deste livro
que deixei aqui. ele quase me obriga:

é proposital: tenho deixado muita coisa para
depois, para depois, para depois...

convém lavar a louça de ontem antes de deixar
a de hoje para amanhã e porque hoje é sábado,
lembrei surpresa, que venci os dias de abstinência:
explico:

uma dose, mesmo pequena, de rivotril me faz
dormir profundamente, mas quando acaba e não
tenho prescrição médica não durmo ou quase
não durmo: um, dois, três...dias. associado
a isso o medo de alguma coisa. já parei de
tomar e volto a tomar convencida por alguma
coisa nebulosa. nebulosa. dependência é isso:
como o próprio diz: algo para se ancorar.

esses dias meu filho de treze anos me disse: isso
é dependência química. eu fiz um pequeno discurso
para ele: resumindo, disse que inventam os remédios
porque as pessoas precisam dele e não o contrário.
ele não disse nada. ele não é de ficar falando
muito. eu fiquei pensando muito. ele tinha razão.
resolvi não comprar e nem "conseguir" o remédio.
abstinência, mesmo com uma dose tão pequena:
0,25 mg e agora já tenho tido sono e tenho dormido
de quatro a cinco horas, o que é suficiente.

convém vencer os domínios. as tranças arrancadas
dão a sensação de desproteção. as tranças arrancadas
é liberdade.

Bebeti do Amaral Gurgel

CLARICE LISPECTOR EM CURITIBA



Lara Amaral
Técnica: Colagem

Assim que cheguei em Curitiba, senti um nada. Um nada que dói. Um nada que dói e sente muito frio. A cidade não tem o sabor do instante. Eu queria me aquecer no instante da coisa, a coisa que é, é no instante mesmo sendo nada. Mas eu vi o cinza e o cinza era molhado. Pessoas com frio em uma cidade feita de arredios. Por que chamam de Cidade Sorriso se ninguém sorri? Na verdade, disse, apenas uma única vez, um dentista que inventava sorrisos. Por que temem em se aproximar? Até o escritor maior passou a vida escondido.

No céu completamente cinza nenhuma nuvem, daquelas que dá vontade de desenhar. Ou de comer como um algodão doce. As crianças curitibanas jogam bola no tapete da sala. Brincam de esconde-esconde dentro de casa. Adultos fazem amor inteiro de meias. Todos são, dentro de casa.

Olhei para as Angustifolias, o nome que já tem uma angústia, doeu o peito, e me senti só como nunca. O frio nos deixa vulneráveis. Em Curitiba me tornei menos, faltava coragem. Eu começava uma coisa nova e não sentia o prazer do novo.

Fui até o parque em busca de mim mesma, o parque que tinha nome de rio do fruto espinhoso, Barigui. Vi pessoas caminhando em um soturno desespero. Cheguei e quis logo sair dali, para um lugar mais quente, para um lugar onde pudesse me recolher e me reconhecer, ouvir minha voz sem tosse, ouvir meu coração aquecido. Mas aquele parque parecia es-

tar todo contra mim, o vento, as pessoas, uma história de jacaré, o tempo do relógio, o outro tempo que concorria com o tempo que chovia. Era um tempo ruim dentro de outro tempo ruim. Queria economizar meu tempo, queria conhecer os limites daquele nada. Tudo o que eu tinha naquele instante era eu. Sou. Sou aqui, quero o alívio de um sol, um calor. Mas essa pergunta era real, real como uma saudade de ir logo embora dali.

Voltei para o hotel, e fiquei à espera de algo. Era como se toda minha vida de repente tivesse parado, congelado na tela do computador. Eu me congelara. Meus pensamentos eram frios e tristes. Curitiba me deixava triste, eu não sabia como estar viva ali. Sentia um doloroso espanto no meu coração. Queria apenas a neutralidade das minhas emoções, sem sentir frio ou calor. As emoções aqui são frias e cinzentas.

Pensei em G.H. Onde estará? Percebo então que nesse instante tudo são ausências.

Queria ir embora dali, mas a neblina da saudade era tão grande que não conseguia me mexer. O coração não é capaz de esquecer. Fiquei quieta ouvindo o nada. Estava entre o humano e o vegetal. Ninguém ouviu nada. Não havia nada verdadeiro para ser ouvido. Já sabia que deveria abandonar essa estrada. Queria novamente ser-me. Desci até a rua gelada. Experimentei um pinhão cozido que tinha o gosto da cor. Um gosto marrom.

Pensando em voz baixa, fui embora. Fui ao meu encontro, em luta e ao mesmo tempo em tranquilidade, depois de Curitiba, queria descansar de ser.

Ana Peluso



Luna Loo
Técnica: Lito

Do livro 70 poemas, Editora Patuá, 2014

No meio do caminho das rochas
no meio do caminho da lógica
do esquecimento
do deslumbramento
no meio do caminho das dívidas
do desamor e do poder
do inverno e do fogo amigo
no meio do caminho do desprezo
da miudeza e da avareza
das caretas e dos caretas
no meio do caminho da dor
dos anestésicos de tarja preta
da alma em coma dos desejos
das desavenças e retaliações
no meio do caminho dos interesses
sem desinteresse
no meio do caminho da porrada
dos desmandos e desfaçatez
dos guardadores de obras de arte
e com condutores de rebanhos apáticos
no meio do caminho dos práticos
das matemáticas hiper-cifradas
do eclipse das auroras
no meio do caminho das horas
sempre haverá um poeta
sempre haverá um poeta
sempre haverá um poeta

Fizeram do poeta uma estátua
parada na orla de uma cidade
que não é Itabira

fizeram do poeta uma pedra
parada numa rua
que não é um caminho
fizeram do poeta um ser calado
como sempre fora
e sozinho

agora repouso metamórfico
metálico
de partículas filosóficas do ar
que o rodeia

ele não ri nem de soslaio
antes odeia

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Julia de Cunto



João Paulo de Melo
Técnica: Grafite

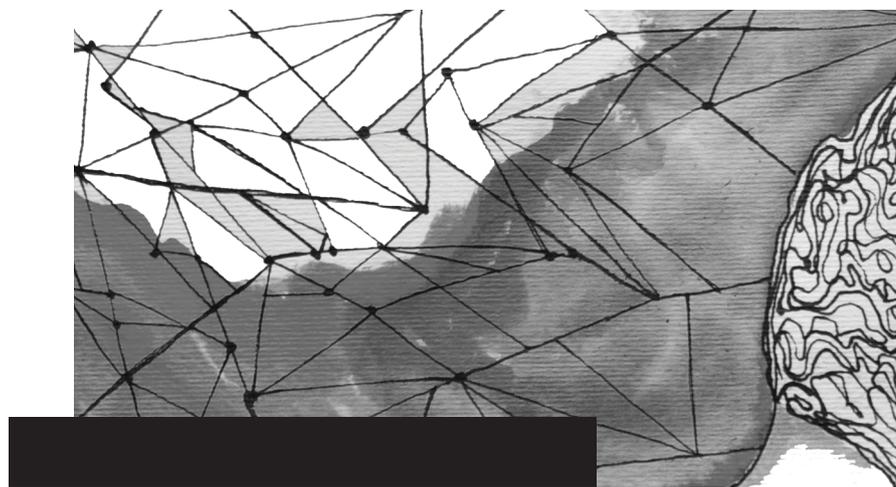
MÃES PURITANAS, UNI - VOS!

- Aborto?
- Ah, a legalização eu até acho certo...
- É só responder a favor ou contra, mãe.
- Contra.
- Cotas?
- Contra. Não, a favor. Ai, você não está sendo muito específica.
- Porte de armas para cidadãos comuns?
- Contra.
- Ciclovia?
- A favor.
- Lipoaspiração?
- Por favor.
- Fast Food?
- A favor.
- Caetano Veloso?
- Até que a favor.
- Obrigação de votar?
- Contra.
- Sexo antes do casamento?
- Contra.
- Mãe, como contra se você ficou grávida de mim antes de casar?
- Ah, é que naquela época eu era a favor.
- Tá. Sexo a três?
- Que isso, Julia??!!!
- A favor ou contra, mãe?
- Contra, minha filha.
- Bebidas alcoólicas?
- Contra. Contra. Contra.
- Bukowski?
- A favor.
- Politicamente incorreto?
- Contra.
- Casamento?
- Hm... A favor?

Eu juro, minha mãe não é quadrada.

Mariela Mei

MARIA, O ALEMÃO [E EU]



Lara Amaral
Técnica: Nanquim

“Cala a boca, Maria, que eu quero tomar o meu chá!” E assim estreou-se mais um dia no boteco do Adolfo, alemão grande e vermelho, gordo como uma porca prenha. O boteco era sujo, cheirava a queijo azedo e urina, e Adolfo exalava lavanda barata. Vestia uma camisa azul que tinha os últimos botões abertos por causa da barriga sobressalente. E por cima o avental usual, levemente manchado e passado a ferro com dedicação característica das mulheres afoitas.

Logo que sentei em meu lugar de sempre, naquele boteco de sempre, vi que o tal chá mais parecia uma água muito suja onde boiava um saquinho velho, numa tigela meio torta e grande demais, que fazia às vezes da xícara. E açúcar, muito açúcar. “Isso ainda vai estourar seu pâncreas, alemão diabético de uma figa”, resmungava Maria todos os dias religiosamente, a cada colherada doce que o marido acrescentava no chá.

E o alemão de uma figa olhava pra minha cara e ria, ria como uma criança encapetada, e derramava bicas de suor em cima dos copos engordurados. Sabia que aquilo tudo realmente o mataria, mas quem se importa, “vida dura como esta já é pior que morte mesmo”. E bebia o chá com uma importância que dava gosto – “Porque é chá, que é coisa de inglês. Eu, como tenho muito calor às cinco da tarde, prefiro tomar mesmo é agora que o sol tá baixo...” – e assim desprezava o café da mulher, que era uma borra forte de gosto horrível naquele boteco sujo.

Não me importava com a borra ou com o fedor. Todas as manhãs, estava mesmo lá era por causa de Maria, uma mulata de ancas fartas, peitos pequenos, olhos de jabuticaba doce e um alemão gordo, grande e vermelho a tiracolo. Seria mulher linda, a Maria, não fosse o cenário que trazia consigo – fedido e sujo – descuidado como seus cabelos.

Mas não me importava também. Queria mesmo é estar, todos os dias, na presença de Maria. Ela, com sua indiferença fatal a qualquer homem, sequer poderia recordar a minha presença em algum outro dia naquele lugar. Mas me lembrava de cada passo seu, e o balanço de suas ancas fartas, como que me chamando para sua cama quente e levemente azeda. Maria da boca suja, mal educada de tão bela, Maria...

Ah, alemão de uma figa, se eu pudesse a cada dia em que o sol ainda está baixo colocar um pouquinho do meu amor por Maria dentro do seu chá para lhe definhar... Mas quem sou eu na vida de minha musa, um fantasma de todos os dias, mais um filho da puta a ver seu homem se entupir de açúcar e a rir de sua cara. Se ao menos Adolfo explodisse logo, duro no chão, para que sua Maria me convidasse a subir as escadas do boteco fedido, e acariciando suas ancas fartas eu pudesse lhe consolar o amor perdido.

“Acorda para essa vida, homem, que o trem já partiu!” – era o Adolfo que me chacoalhava com sua gentileza de pata de elefante. Encarava-me com aquela cara vermelha e inchada,

como se meus olhos me denunciassem, desnudos. Talvez não por temer a revelação de um amor sufocado, mas a consequência que aquilo acarretaria, aprontei-me em retirada. Larguei os trocos, suficientes ao café, em cima do balcão engordurado e deixei o boteco em marcha cada vez mais apressada.

Pude ainda, como que numa agonia derradeira, sentir o olhar de Maria pregado em meu lombo. E a respiração alvoroçada, absorvida com o alemão no meio de suas tarefas rotineiras. Meu sangue percorreu mais uma vez – talvez a última – o êxtase em busca de conforto na ilusão dos seios pequenos de Maria. Cada vez mais distantes, mais ausentes. As buzinas dos carros em pressa na cidade já desperta, junto com as figuras que por vezes esbarravam em meus pensamentos, me fizeram desviar a mente de Maria. Isso até o dia seguinte, quando suas ancas fartas abalariam novamente o sol ainda baixo de meus anseios.

Panificadora e Confeitaria

Água na Boca

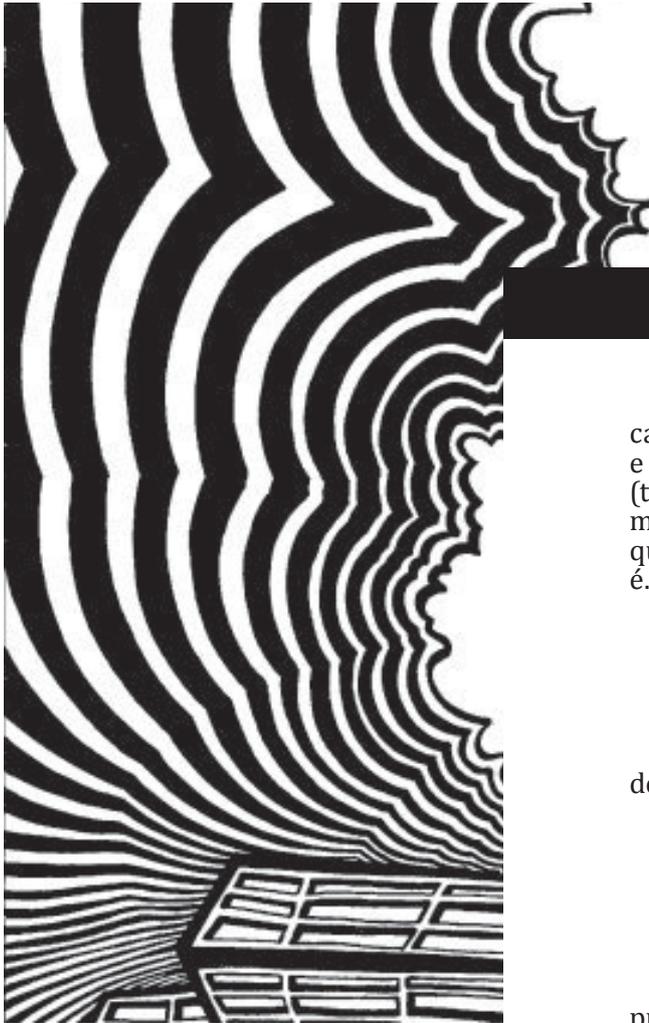
3642-9376

panificadoraaguaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

Amanda Souza



Dox
Técnica: Nanquim

CENA 3.

Foi por um curto espaço de tempo. Eu bebia café amargo, sentia um cheiro antigo de tabaco e remédio. Tinha um cheiro de água sanitária (talvez tivessem passado no chão), algo está no meu braço, na minha veia. Algo ainda toca naquela ferida, que está aberta, dói, não sei onde é. Ferida grande aberta, decadente mágoa. Vergonha.

Silêncio.

Acorda.
Meu pensamento se vai, como aquela nuvem de tabaco, antiga, mas ainda quente.
Está frio, sente?

Ansiedade.

Vazio

O vazio do qual eu não acho nada que possa preenchê-lo, um dia ele foi preenchido, cheio se esgotou.

Não posso dizer que isso não me faz falta, pois faz, e dói.

Um longo silêncio
Ouço uma respiração profunda, um certo desejo de vida.

Silêncio
Ainda dói, a ferida, ferida que se abriu mais, parece carne podre, cadáver.

Insônia piorada.
Para onde vou? Onde paro?
A televisão fala.
Desliga isso!

Quando que isso começou? Quem sou? Me perdi em meio a tanta fumaça, café amargo e feridas.

Aqui estou/calma.

Sorri anseia chora mija sente aperta rasga
dói cutuca chora pisca sorri//dorme
Isso não vai passar

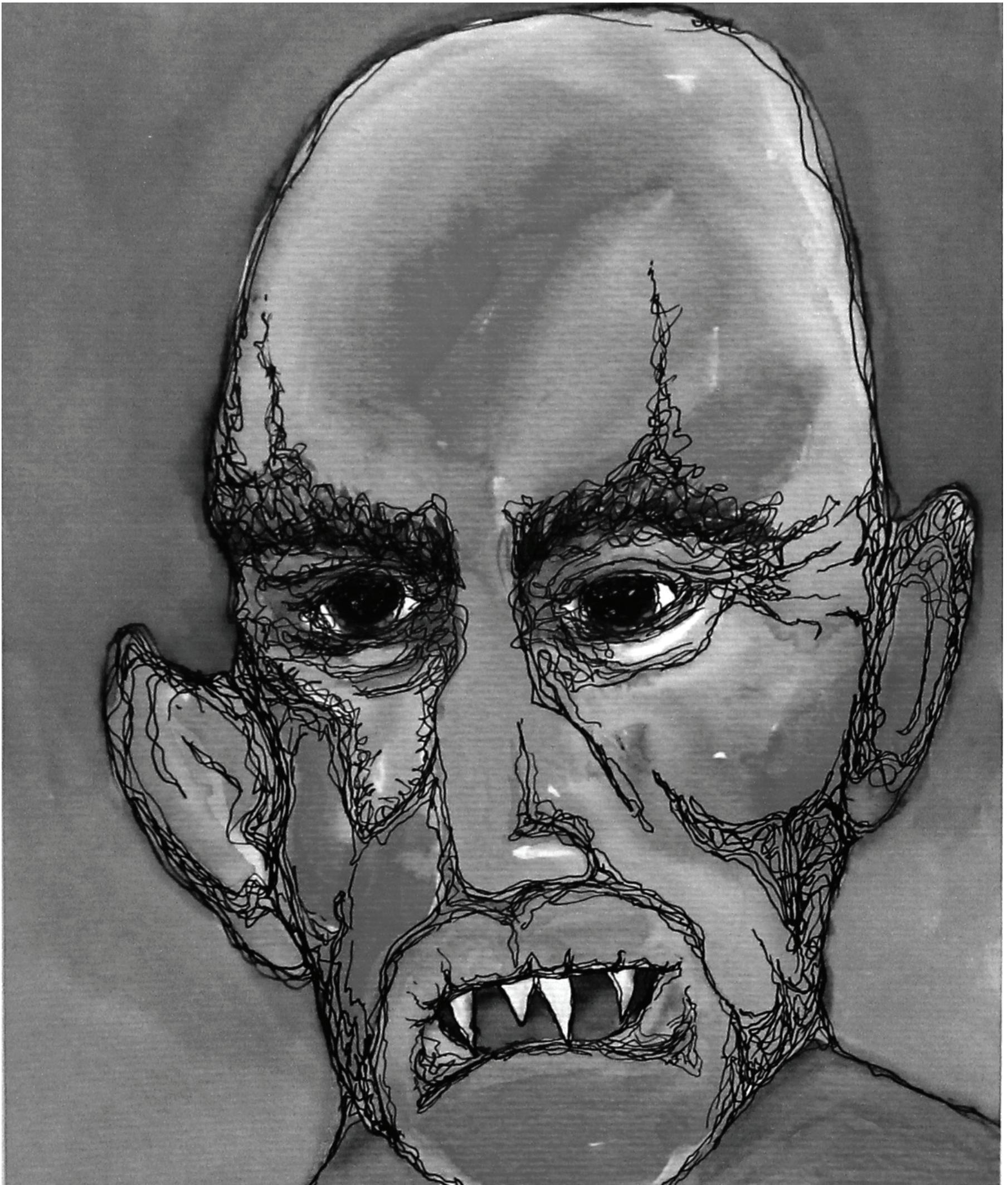
Sorri anseia chora mija sente aperta rasga
dói cutuca chora pisca sorri//dorme
Isso pode passar

Sorri anseia chora mija sente aperta rasga
dói cutuca chora pisca sorri//dorme
Isso vai passar

Sou eu mesma, só que do lado de cá.
Não olhe
Está feio

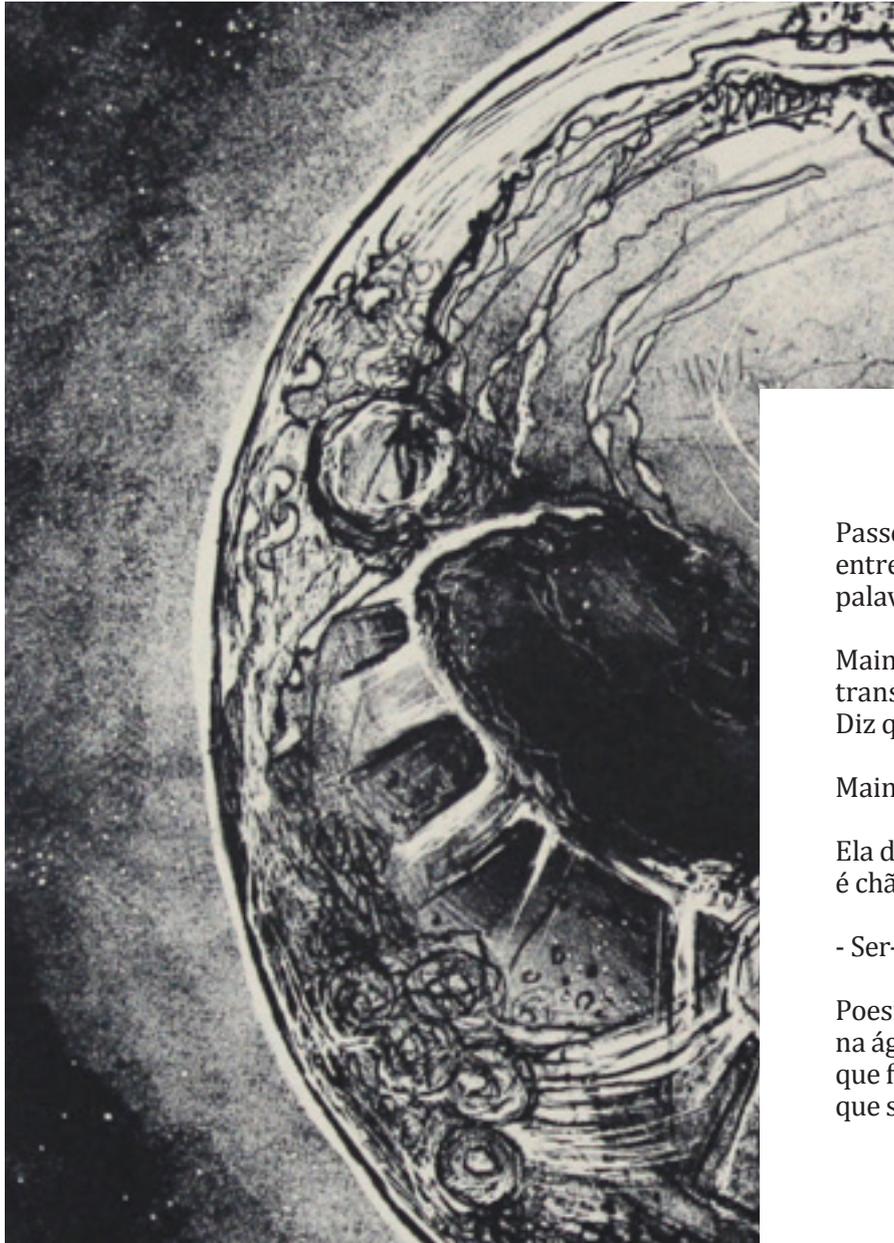
[...continua]



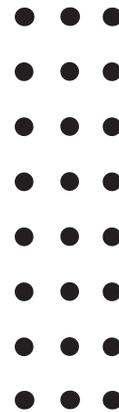


Iara Amaral
Técnica: Aquarela

Daniel Prestes da Silva



Luna Loo
Técnica: Lito



Passo o dia rolando, correndo e pulando
entre / com / nas
palavras

Mainha me vê encardido de polissemia,
transpirando sinestésias...
Diz que tou cheirando a poesia

Mainha me manda banhar

Ela diz que a vida
é chão árido do sertão

- Ser-tão, também, é poesia, mainha.

Poesia na água que a secura espera,
na água encardida dos dias
que foge pelo ralo
que somos.



COWORKING INSIGHT

Rua : Voluntários da Pátria, Nº 522 -Centro - Curitiba
Fone : 041-3092-0480

E-mail : contato@coworkinginsight.com.br
www.coworkinginsight.com.br

Espaços para reunião até 4 pessoas R\$ 15,00 a hora
Impressão P/B 0,07
Imprimimos livros (pequenas tiragens)
Espaço para lançamentos de livros.



ESCAMANDRO:

POESIA, TRADUÇÃO E CRÍTICA

Há alguns anos, pululam no Brasil blogs e revistas literárias, em especial, pois interessa aqui, de divulgação de poesias inéditas e de poesias traduzidas. O blog coletivo escamandro (escamandro.wordpress.com) nasceu nesse movimento, porém, ao mesmo tempo, “se desviou dele”, pois se elevou em meio à turba – primus inter pares.

Inicial e permanente iniciativa de quatro (quase) jovens moços, professores, poetas, tradutores e barbaços – Adriano Scandolara, Bernardo Lins Brandão, Guilherme Gontijo Flores e Vinicius Ferreira Barth –, o blog, como o próprio nome deixa entrever (“Escamandro”, mítico rio da planície de Troia), surgiu para permitir à poesia, à tradução e à crítica navegar em águas tranquilas para nelas provocar arroubos, e, desde sua nascente, mirava desaguar, não no oceano (lugar-comum!), mas no papel: daquela iniciativa, chegamos ao primeiro número da revista impressa escamandro: poesia, tradução, crítica, que acaba de sair do forno da corajosa e (ela sim) jovem Editora Patuá (editorapatua.com.br/), cujo site traz todo seu catálogo, inclusive a revista.

Não é preciso folhear a publicação para começar a apreciá-la, pois ela está envolvida em desenhos do artista plástico Leonardo Mathias. Mas abrir a revista revela que o nível se mantém – coerência entre forma e conteúdo. Nas primeiras páginas, lemos os nomes dos vinte e três colaboradores desse número inaugural: poetas, tradutores e poetas-tradutores, que traduziram ou que foram traduzidos. Nomes que vão de Fabiano Calixto e Ricardo Domeneck, um pouco mais experientes, aos promissores Adriano Scandolara, Anderson Lucarezi e Guilherme Gontijo Flores. Seguindo a corredeira, lemos um editorial bem ao estilo da escamandro (vide o blog): linguagem em flash, sintaxe e pontuação singulares, o que não impede de auferir a proposta da revista, a partir desse sucinto, porém honesto editorial, que, entre suas primeiras palavras, traz o vocábulo “contemporâneo”.

Tal vocábulo é a baliza de toda a empresa: desde os poetas inéditos até as traduções, passando pelo dossiê do poeta capixaba Sérgio Blank e pelo artigo crítico acerca das traduções dos comediógrafos romanos antigos Plauto e Terêncio, estamos diante de algo preñado de moderno. De modo geral, pode-se dizer, com Haroldo de Campos, ao escrever sobre o poeta russo Vladímir Maikóvski, que a poesia a que dá luz a escamandro “não tem apenas natureza épica, mas apresenta ainda uma apaixonada face lírica, bem como rasgos satíricos e crítico-estéticos (metalinguísticos)”, e, amiúde, é marcada por uma linguagem de vigor expressivo e áspero, que arranha, o que é bom, pois a boa poesia incomoda – estamos longe das “velhas formas burguesas de expressão, da literatura água de flor de laranjeira, anódina e inconsequente, ou simplesmente acadêmica”, como disse Carlos Drummond.

Os poetas traduzidos pertencem a diversos idiomas: alemão (Uljana Wolf por Guilherme Gontijo Flores e Ricardo Pozzo), inglês (Hart Crane por Anderson Lucarezi), grego (Gregório de Nazianzo, transcrito por Bernardo Lins Brandão), espanhol (Horacio Fiebelkorn por Vinicius Ferreira Barth) e hebraico (Dahlia Ravikovitch por Tsipi Keller por Adriano Scandolara – tradução do inglês). Antes que verter a língua estrangeira, os tradutores fitaram a Língua do Autor, seu modo de intencionar, sua intenção, o que revela poesia em língua portuguesa, mas “fiel” ao texto traduzido.

Os poemas inéditos são de penas diversas: Maurício Mendonça Cardozo, Dirceu Villa, Fabiano Calixto, Ricardo Domeneck, Marcelo Sandmann e Tarso de Melo. Talvez uma característica que una esses poetas seja o ritmo rápido em composições de temática “real”, ou seja, poemas que trabalham o real, não flertam com devaneios, sensacionismos ou neoclassicismos que, aqui e ali, nos assombram (quando bem trabalhados, esses materiais são enriquecedores, mas poucos conseguem isso).

Um dossiê que mire o ótimo poeta capixaba Sérgio Blank é bem-vindo. São dez poemas, que abrangem os cinco livros do poeta: *Estilo de ser*, *tampouco* (1984), *Pus* (1987), *Um*, (1988, a vírgula integra o título), *Tabela periódica* (1993) e *Vírgula* (1996). Tal visita a toda a obra do autor faz ver que a poesia de Sérgio Blank, pouco conhecida nacionalmente (é pena!), passou por um amadurecimento formal, quando, entre outras coisas, abriu mão dos versos curtos e ligeiros de *Estilo de ser*, *tampouco* (1984) e assumiu maior rigor num verso livre mais longo e meditado, e quando converteu o teor destrutivo dos primeiros livros em ruminada poesia. Triste é a brevidade do dossiê (só dez poemas. De Horacio Fiebelkorn também são exibidos dez poemas, mas ele não tem um dossiê...).

Quanto ao artigo crítico “A poética da comédia nova romana”, por Rodrigo Tadeu Gonçalves e Leandro Cardoso, trata-se de um bom texto, coerente com a proposta da revista, já que se inclina a questões sobre traduções de Plauto e Terêncio. De qualquer forma, talvez seja ainda mais interessante um artigo que se ligue não só à tradução, mas a um dos autores traduzidos na revista. Como leitor e admirador do blog e da escamandro, arrisco dizer que a “crítica pura” destoaria da proposta da revista – devem ser textos ligados, de uma forma ou de outra, à tradução, especialmente a algum poeta traduzido no volume.

Horácio, antigo poeta romano, escreveu que “os poetas querem ser úteis ou deleitar” (aut prodesse uolunt aut delectare poetae), mas para isso são necessários instrumentos que lhes deem voz. Sem dúvida, os responsáveis pela escamandro têm isso em mente. Bom para nós. Bom para eles, pois “a Fortuna ajuda os fortes” – fortes Fortuna adjuuat.

Adriano Feitosa

RITUAL

Ato de convencionar determinadas atitudes, agregar valor a um evento; tornando-o pomposo.

Quando eu tinha aproximadamente dezesseis anos e era um minúsculo adolescente (fisicamente), e com sonhos intangíveis (ser um vocalista estilo Bono Vox), tive um grande amigo chamado Rafael, que, assim como eu, vivenciava as mesmas carências financeiras, afetivas e distúrbios sócio-adolescentes.

Irmão, como era chamado, viera da antiga FEBEM, fora adotado por sua tia, passando a morar próximo da minha casa. Durante uma partida de futebol, no campo do Conjunto Maranhão, nos tornamos grandes amigos, meu primeiro amigo feito na cidade. Passou a frequentar minha casa e eu a dele, jogávamos futebol, tênis de mesa, roubávamos calota de carro no Centro e batata doce de um vizinho agricultor. Mas a lembrança mais agradável que tenho do meu amigo Irmão é a do nosso Ritual Etílico.

Tudo começava com uma ida ao mercadinho aqui da Vila. Mesmo sendo um dia de calor, usávamos jaquetões para melhor acomodar o litrão, que seria surrupiado junto com uma caixa de leite condensado. Depois de cometido o ilícito, íamos para a minha casa preparar uma batida caseira, receita da FEBEM, dizia Rodrigo. À noite bebíamos, degustávamos aquela

bebida adocicada enquanto conversávamos sobre a atual conjuntura político-econômica-internacional da época. Fazíamos isso sempre indo em direção à Praça do São Sebastião. Chegando lá, tomávamos um último grande gole cada um e partíamos em disparada em direção a grade que cercava a cancha de areia – ganharia quem primeiro subisse a grade por um lado e conseguisse tocar os pés na areia do outro lado da cancha.

Era uma corrida embriagada, com passadas incertas, as pernas confusas, a direita boicotando a esquerda, entrelaçando um pé no outro, muitas vezes tropicando. Jogávamos-nos sobre a grade e subíamos feito babuínos pilhados até o topo. Numa manobra acrobático-etílica passávamos para o outro lado e iniciávamos a descida como aranhas embebidas em inseticida, e então eu, no ímpeto de vencer, me jogava da grade e voava e caía até a vitória.



Eva Parisi
Técnica: Acrílica

Editora **Verso**

InVerso Comunicação e Marketing Ltda, 2008

Trata-se de um livro onde as nuances da dor são apresentadas, descritas, mas longe de ser uma narrativa apelativa, melodramática, realista talvez, exageradamente realista. Uma declaração de amor a uma lembrança que jamais será tristeza.



Paulo de Assumpção Marques



Eva Parisi
Técnica: Acrílica

Primeira carta da série de três textos de suas memórias

Senhora Andréia,

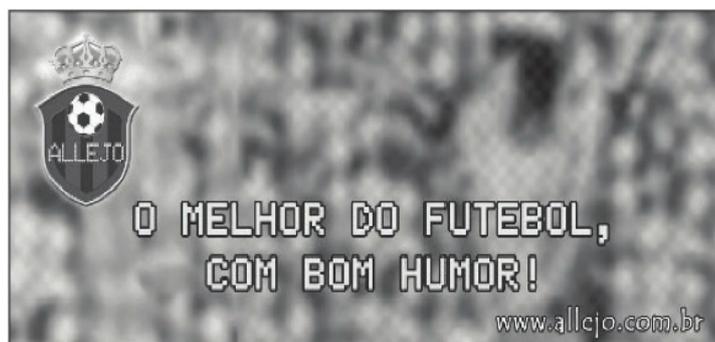
Recebi seu bilhete. Entretanto, sobre o extenso rol de assuntos a serem tratados por mim, acredito ser uma tarefa da qual não pretendo opinar. Em meus longos anos de Curitiba, fui também me tornando, como qualquer morador que saiu de sua cidade, vindo a sentir frio por vezes irritante desta terra. Nestes anos todos, no início eu assinava o Estadão, trocando, vários anos depois, pela Folha de S.Paulo e mais tarde o jornal local, Gazeta do Povo.

Todos traziam, de certa maneira, artigos e notas mostrando o mundo em que estávamos vivendo. Sua política, os grandes problemas a enfrentar em nosso país, serviram para me colocar a par dos diversos momentos que passei nestes 43 anos convivendo e me tornando um pouco curitibano

Agora, aos 98 anos, posso somente dizer que há jornalistas, de qualquer cor partidária, a nos dar ótimos articulistas, mesmo mostrando aspectos dos quais não concordamos. A cidade e o estado têm grande potencial de escritores, artistas, musicistas, cientistas de todos os ramos a trabalhar por um Paraná sem medo de olhar o futuro, sendo, antes de tudo, um estado brasileiro. Envio, com esta, dois de meus escritos para seu julgamento e, caso interesse, publicá-los. Peço desculpas por não ser o escritor e o literato que minha nora talvez fizesse crer. Grato por sua atenção,

atenciosamente,

Paulo de Assumpção Marques
Curitiba, 11 de fevereiro de 2014



Toda Letra
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

www.todalettra.com.br
@todalettra_
facebook.com.br/todalettra
contato@todalettra.com.br

Martina Sohn Fischer



Texto originalmente publicado em caosdescrito.wordpress.com, projeto curitibano de fotografia e literatura

A criatura toda, pintando a porta, contornos leves e sublimes. A tinta não seca, secou nas patas dele. As patinhas fazendo marcas no chão, facilitando a caça, caçando patinhas de todas as cores. As cores frias na madeira. Pintando com a ponta dos dedos de calos, sem pincel. Sem atrito algum, o vento não vem para secar isso tudo. Escorrem. O cão sentado colado no chão. Pede comida. Ele pede insistente, me vê pintando e continua pedindo, mesmo que seu trabalho todo tenha sujado o meu. A calçada impossível de ser caminhada. Aqui nada caminha, nada passa por mim. Aquilo tudo está uma confusão, ouvi vozes balbuciando, con-fu-são. A velha gritou me acusando de péssimo artista. A velha passou me jogando a água de dentadura, aquela que repousa todas as manhãs no criado mudo. Ele é mudo é? Pobrezinho, por isso nunca late. Que bonitinho. Pobrezinho. Ele vai ficar por horas pedindo, abanando o rabo, na minha direção. Só há uma direção que se abana o rabo quando se tem fome. É a minha, na minha, bem na minha cara ela me balança o rabo. Um rabo lindo. A calçada quase é sugada, a rua inteira quase me derruba, a tinta escorre. Esqueci do que minhas mãos estavam fazendo. Péssimo artista, a velha grita de longe. Vá morrer no beco, com seu cachorro mudo. Isso não existe, me acusa o segundo velho que passa tão rápido como um perdiz. Ele é ligeiro e passa com o sorriso todo amarelo, isso não existe! Grita, já longe, voz aguda. Eu sempre acreditei na mudez, aquela ausência do próprio som, todos os sons ao redor te invadem e você em resposta, o silêncio. O ressumbrar de toda uma vida de latidos guardados. O que seria isso? Ele me olha sujo de tinta, pedindo e pedindo. Olhinhos minguados. As patinhas secaram. A tinta secou. A comida é fria agora, ele se alegra todo. Um péssimo artista de merda! Ela grita do terceiro andar. O cachorro não ouve, me olha sem fome.

Guilherme Klock
Técnica: Grafite

O NEGÓCIO DO VERSO

Marco Cremasco, ilustre caipira urbano norte-paranaense nascido pertinho de Maringá, em Guaraci, morando há anos em Campinas, onde é professor da Unicamp, lançará agora em março um novo livro de poemas, pela excêntrica Editora Patuá, que tem se notabilizado por publicar poesia em São Paulo.

Neste livro, Cremasco concebe, à moda de Fernando Pessoa, um tipo alheio à vida social de rotinas e afazeres, um alter ego do improvável, de nome João, que não é um qualquer, mas um Flores, obcecado pela natureza, pela vida que cabe num saco de coisas, apenas, e isso basta e é tudo pois ele se contenta com um pequeno canto no mundo e uma cama de capim. Dele os enquadrados socialmente podem facilmente dizer que dá bom dia a cavalo, pois tão logo os cumprimenta à rua, se desencaminha a olhar as pequenas coisas, dando mesmo bom dia a pássaro, cães, gatos e, indistintamente, a ratos. De alguém que tenha nascido “catando cavacos” é explicável que queira a suspensão do tempo e a divagação do olhar, capturado apenas pelas pequenas coisas enquanto fantasia como companhia uma saci que chegue num disco voador para, com sua própria incompletude, completá-la no que lhe falta.

Esse João, um pé-vermelho “meio urbano meio caipira”, ecoando em duplicidades antitéticas – um “paiol de espelhos” – a vida do autor, se transubstancia, finalmente, numa voz poética da qual se pode dizer, tal como no poema, que tem um “olhar de índio velho [e] sorriso de curumim”, daí a simplicidade daquele João expressa nos textos, como neste trecho: “meus versos são fáceis/ verdes feito pé de alface”. Essa ambiguidade fica remarcada num poema como “Meus amigos mais eu”, referindo-se aos poetas, que os funde naquele João que “come com as mãos” e não é convidado para “visitar castelos”, mas que, caracterizado pela simplicidade tem uma consciência exponencial de que o “negócio do verso” é “responsável por toda energia bruta/ que molda cada treco do universo”.

Aquela condição de dualidade contraditória – “meio urbano meio caipira” – como uma condição basilar insolúvel, que tenta se resolver na poesia, está presente recorrentemente nos poemas: “rejeitei as sobras de ser ninguém para ser sol na face de alguém”; “fui santo fui louco”; “olhar de índio velho sorriso de curumim”; “tive o prazer do mundo/ de poder encher/ um copo sem fundo” “quero escrever um poema/o poema não quer ser escrito”/ “nada tenho a dizer/ ele diz tenho dito”.

João Flores, com sua obsessão pela natureza, onde busca as mínimas coisas, marcado pelo olhar, evolui para o poeta urbano, que busca no poema uma identidade confundida com a transição da vida rural para a vida na cidade, com o a nostalgia de ser um “antônimo esquecido/ de afeto ternura amor”. A poesia procura, então, preencher o vazio – “este deserto/ dentro de mim”, com o aprendizado inicial de que “na natureza há sempre um poema pedindo passagem”. O poeta urbano se refestela então em descobertas de linguagem marcadas pela beleza tirada desse olhar sobre as pequenas coisas, como no poema “A formiga”: “a folha órfã/ cai espiralada// esmeralda o chão// cheiro de movimento/ súditos em prontidão// castelo de areia// a rainha gesta/ nova procissão”. Ou em “A centopeia e o maquinista”: “ferrovia// o coração verde/da centopeia/ não palpita// trilhos// caminha/ sem dar ouvidos/ aos gritos do trem”.

A síntese do João Flores no poeta que se transforma, enfim, está no poema “Metrópole”: “na solidão de ser no outro, ninguém”.



Guilherme Klock
Técnica: Grafite

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE
tem o prazer de convidar para abertura da exposição

INTER_MEDIOS e RODA DE CONVERSAS

Apoio:



simbólica



Abertura 08 de maio | quinta-feira | das 19h às 22h

De 08 de maio a 11 de junho 2014.
Segunda a sexta das 12h 30 às 18h30.

ESPAÇO CULTURAL BRDE
Palacete dos Leões | Av. João Gualberto, 570
Curitiba PR. Estacionamento no local.

Espaço
Cultural BRDE
PALACETE DOS LEÕES

Nathália Dielú



Guilherme Klock
Técnica: Grafite



SERTÃO NO 301

Escrevo do quarto 301. Há dois meses moro num hotel em Petrolina, Sertão de Pernambuco. Vim atrás do meu sonho. Ganhei uma panela elétrica de minha mãe em uma das duas visitas que fiz ao Recife neste tempo de interior. Ela me ajuda muito no meu quase quarto-sala-cozinha. Aprendi que se virar é um verbo a fim de agregar. E a dormir bem, mesmo com um filete da persiana da minha janela faltando. A luz entra por esse espaço e bate bem no meu rosto, quando raia o dia. Aí eu viro para o lado e fecho os olhos novamente.

Deixei a cadeira de madeira virada para o janelão. Às vezes, contemplo a paisagem mais frequente que tenho. Por ela, dá para ver o supermercado, o Feirão de Frutas e um viaduto ligeiro com o sol rasgando por trás. Além, claro, do Hotel Grande Rio, onde meu pai pulava o muro escondido para tomar banho de piscina nos dias quentes dessa terra. Ele sempre saía corrido do segurança da bicicleta azul (que até hoje trabalha por lá e ainda tem a bicicleta azul). A janela de vidro tem um cabide improvisado, onde penduro uma ou outra peça de roupa, para aproveitar o ar-condicionado da madrugada e o sol do começo do dia. É mais rápido do que no box do banheiro. Mas isso é só de vez em quando.

Apreendi uma rotina que não está bem definida, mas que acontece no mesmo lugar de sempre. Este tal 301, no Bairro Atrás da Banca. Tanto detalhe me abastece um pouco mais agora, por necessidade, que sei: vão escapar algumas coisas nessa partilha em forma de texto. Sou repórter aqui. Descobri a história do banho de piscina de painho porque meu tio, que não encontrava há mais de quinze anos, me viu na TV na minha primeira semana na cidade. Viu e me achou. Uma história até sul, se não fosse real.

Sempre troco o tipo de detergente para não enjoar o cheiro. Com o arroz é a mesma coisa. Um dia branco, outro temperado com cenoura e sazón. O vinho está por perto (aqui tem umas vinícolas cinematográficas!). Azeite sempre comigo. É a periferia do meu sonho, que acaba sendo o meu sonho também: manter tudo organizado e abastecido. Minha vó dizia que essas coisas são importantes para render bem no trabalho.

Faço ao vivo com frequência. Isso tem me desenvolvido. A janela ainda me prega umas peças de vez em quando. O vento do Rio São Francisco balança um pouco a persiana. Custei a descobrir que o ar passava na conexão entre uma janela e outra. Antes disso, até me assustava. Aqui tem um shopping de pequeno porte, com cinema e algumas lojas famosas. Fui lá pagar umas contas dia desses com o meu segundo salário. Perguntei ao menino onde era o caixa eletrônico e ele me respondeu: sou seu fã. Fiquei perplexa, daí ele explicou que via minhas matérias de esportes no jornal local. Não estou acostumada a essas coisas.

Comprei uma câmera profissional parcelada em duas vezes. A copa de futsal, que vim cobrir, está nas semifinais, assim como o Santa Cruz. Passei a registrar o meu cotidiano. Às vezes tenho saudade de casa, da minha mãe, do amor e do mar... Da cama, do calor do litoral. Mas estou bem aqui.

Ana Mondini | André Malinski | Eduardo Freitas
Elaine Stankiwich | Fran Ferreira | Gabriel Gallarza
Jerusa Costa | João Debs | Maria Baptista

Charles Bukowski
Tradução: Fernando Koproski

A DUCHA THE SHOWER

nós gostamos de tomar uma ducha depois
(gosto mais da água quente do que ela)
e o seu rosto é sempre meigo e tranquilo
e ela irá me lavar primeiro
espalhar sabão em minhas bolas
levantar as bolas
apertá-las,
daí lavar o pau:
“ei, essa coisa ainda está dura!”
então pegar em todos os pentelhos, –
na barriga, nas costas, no pescoço, nas pernas,
eu sorrio sorrio sorrio,
aí então eu lavo ela...
primeiro a buceta, eu
fico por trás, meu pau em suas nádegas
com carinho eu ensaboo os seus pentelhos,
lavo ali com um movimento suave,
me demoro talvez mais do que o necessário,
aí pego atrás das pernas, na bunda,
nas costas, no pescoço, eu viro ela, beijo ela,
ensaboo os peitos, pego neles e na barriga, no pescoço,
na frente das pernas, nos tornozelos, nos pés,
e então na buceta, mais uma vez, pra dar sorte...
outro beijo e ela sai primeiro,
se enxuga, às vezes cantando enquanto eu continuo
deixo a água mais quente
sentindo os bons momentos do milagre do amor
então eu saio...
normalmente está no meio da tarde e sossegado,
enquanto nos vestimos falamos sobre o que mais
há por fazer,
mas estar juntos já resolve a maior parte,
na verdade, resolve tudo
pois quanto mais tempo essas coisas estiverem resolvidas
na história entre homem e
mulher, é diferente para cada um
melhor e pior para cada um –
para mim, é esplêndido o bastante para lembrar
após a marcha dos exércitos
e os cavalos que passam lá fora nas ruas
após as lembranças de dor e derrota e infelicidade:
Linda, você trouxe isso pra mim,
quando for tirar
faça devagar e com cuidado
faça como se eu estivesse morrendo em meu sono ao invés de
em minha vida, amém.

*we like to shower afterwards
(I like the water hotter than she)
and her face is always soft and peaceful
and she'll wash me first
spread the soap over my balls
lift the balls
squeeze them,
then wash the cock:
“hey, this thing is still hard!”
then get all the hair down there, –
the belly, the back, the neck, the legs,
I grin grin grin,
and then I wash her...
first the cunt, I
stand behind her, my cock in the cheeks of her ass
I gently soap up the cunt hairs,
wash there with a soothing motion,
I linger perhaps longer than necessary,
then I get the backs of the legs, the ass,
the back, the neck, I turn her, kiss her,
soap up the breasts, get them and the belly, the neck,
the fronts of the legs, the ankles, the feet,
and then the cunt, once more, for luck...
another kiss, and she gets out first,
toweling, sometimes singing while I stay in
turn the water on hotter
feeling the good times of love's miracle
I then get out...
it is usually mid-afternoon and quiet,
and getting dressed we talk about what else
there might be to do,
but being together solves most of it,
in fact, solves all of it
for as long as those things stay solved
in the history of woman and
man, it's different for each
better and worse for each –
for me, it's splendid enough to remember
past the marching of armies
and the horses that walk the streets outside
past the memories of pain and defeat and unhappiness:
Linda, you brought it to me,
when you take it away
do it slowly and easily
make it as if I were dying in my sleep instead of in
my life, amen.*

Luiz Horácio



Guilherme Klock
Técnica: Grafite

DORALINA

UMA TARDIA DECLARAÇÃO DE AMOR

Abertura do romance Doralina, Editora Inverso, 2014

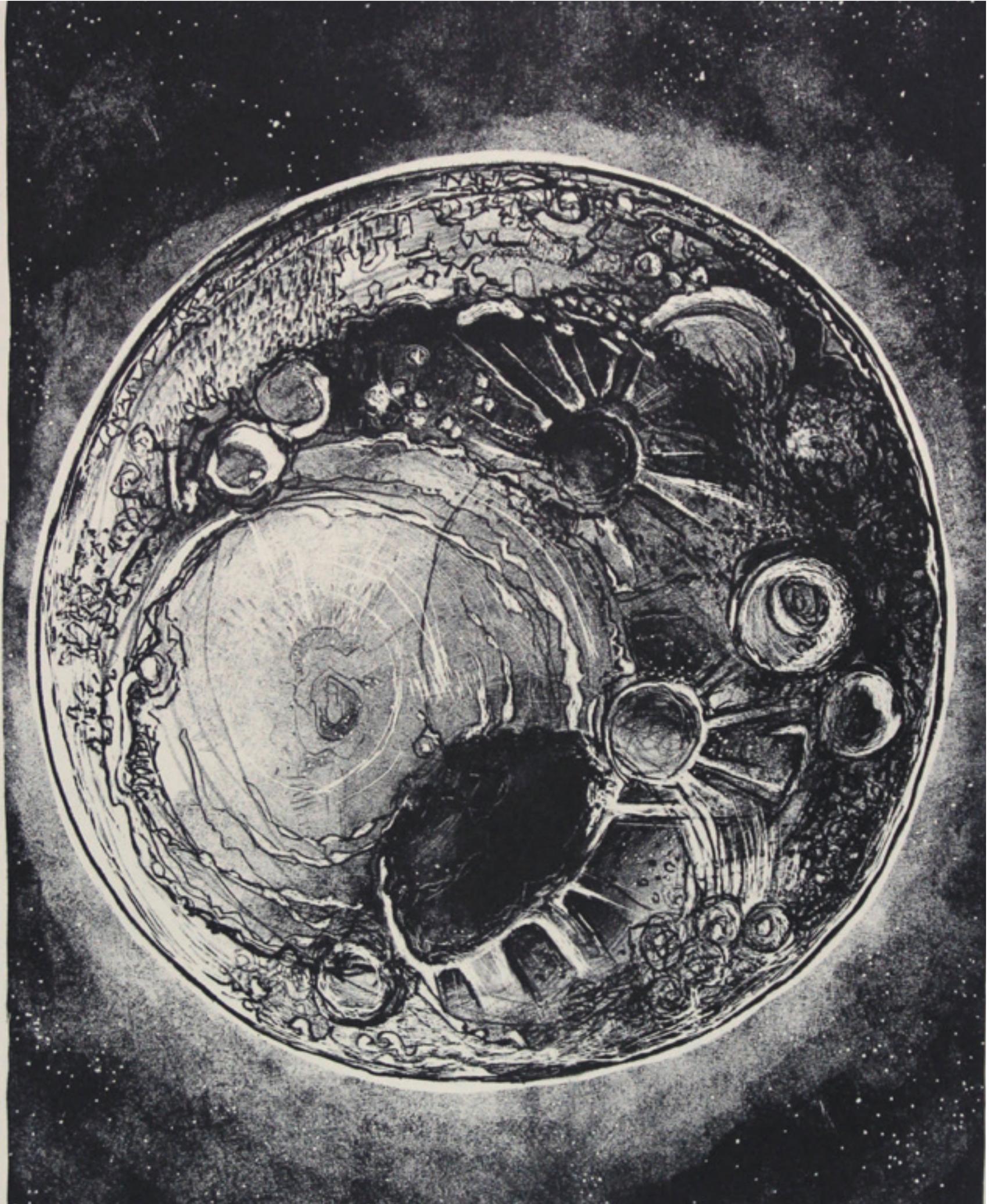
Rosário do Sul, trinta de janeiro de 1984 rua dezenove de maio nº 2053, uma mulher morta saiu dali. Fria, rígida, me deixou a solidão. Proposital ou não, já não importa. Foi naquela casa que ela se misturou com o inverno.

A mulher gelada que saiu dali é/era minha mãe e por todos esses trinta anos transcorridos eu continuei vendo-a sair desse mesmo lugar, desse mesmo jeito.

Vi minha mãe atrás do vidro do caixão, estava com a fisionomia de sempre, triste. Certas pessoas são tristes porque são tristes, dispensam explicações, por isso nos acostumamos. Embora eu não me acostumasse a tanta tristeza, quando se alegrava conseguia ser ainda pior, eu sabia que seria por pouco tempo. Minha mulher é triste, as outras três não fugiram à regra.

Meu pai mantinha a serenidade comum aos que sabem que viver é uma redundância a exigir constante renovação dos motivos. Minha irmã não viu nossa mãe morta, nosso irmão também não. Eu continuo a ver. Um filho só consegue ver a mãe como pessoa, como mulher, depois que ela lhe dá as costas. No meu caso, para nunca mais. A lógica da vida nasceu torta para mim que tinha pressa de viver enquanto era jovem. Pouco tempo restava para admirar a vida, o dia, o vento, o silêncio, pai e mãe. Hoje não incluo pessoas em minhas expectativas. Minha dívida maior é com os mortos.

É...é verdade...a primeira vez que fui pai, minha filha morreu. Uns idiotas ainda dizem que minha vida mudou a partir daí. A primeira vez que me disseram isso, me dei conta da mediocridade que me cercava, e cerca. Claro que me incluo. Mas qualquer comentário acerca do sofrimento alheio vem no sopro da estupidez. A vida, de todos, está sempre mudando, será que eles sabiam como seria minha vida caso minha filha sobrevivesse? Minha primeira paternidade não durou três meses e já a dissequei com todo sofrimento suportável. Talvez tenha embrutecido um pouco a minha vida, a morte tem uma mentalidade exageradamente autoritária e quando ela passa assim tão perto não há como fugir do degredo...da culpa. Aceitei o degredo sem confessar a culpa. Um filho não traz respostas, gera perguntas. Um filho morto continua fazendo perguntas que nunca terão respostas.



Luna Loo
Técnica: Lito

Daniel Osiecki

QUADROS DA MINHA VIDA: UM ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO

A vida pessoal daqueles que admiramos exerce certo fascínio sobre nós. É um dos motivos pelos quais lemos biografias. Há biografias de grandes figuras que me marcaram muito. Uma delas é *O bandido que sabia latim*, biografia de Paulo Leminski, de Toninho Vaz. Texto limpo, apurado e denso. Há também o belo *Ser e ler Torga*, sobre Miguel Torga, de Fernão de Magalhães Gonçalves.

Esses dois livros em particular me marcaram muito, pois sou leitor voraz de Leminski e Torga, mas nada como ter em mãos a biografia de um mestre no sentido mais puro da palavra. Refiro-me ao livro *Quadros da minha vida: um ensaio autobiográfico* (2011, Editora Champagnat, 283 p.), de Jayme Ferreira Bueno.

Conheci o Professor Jayme em 2004 durante a graduação em Letras, na PUCPR. Logo de início simpatizei com a figura serena, tranquila e intimidante do mestre, que havia sido orientado, na USP, por ninguém menos que Massaud Moisés, uma celebridade nos cursos de Letras Brasil afora. Prof. Jayme e eu conversamos sobre o romantismo português, mais especificamente sobre Garret e Herculano, que seriam as primeiras leituras feitas.

Conforme o tempo passava, fui amadurecendo minhas ideias e o Professor Jayme sempre deixou sua biblioteca à disposição. Data deste período minha incursão pelo neorrealismo. Conheci Miguel Torga, Alves Redol, Manuel da Fonseca, Ferreira de Castro, Fernando Namora pelos livros que o professor me emprestava. Normalmente um por semana. Lia e

tentava absorver tudo aquilo em um período bastante prolífico de minha vida. Para minha sorte essa empatia acadêmica se estendeu ao âmbito pessoal. Mantemos até hoje um relacionamento de amizade. Quando pego algum material emprestado com o mestre, gosto de pensar que ainda somos professor e aluno, que terei algum seminário para apresentar ou algo do gênero. Talvez para tentar enganar a passagem do tempo e manter no presente algo que me foi tão importante no passado.

O Professor Jayme Ferreira Bueno lecionou na PUCPR durante 37 anos. Exerceu cargos diversos, além de professor de Literatura Portuguesa. No livro *Quadros da minha vida: um ensaio autobiográfico*, professor Jayme relembra toda sua trajetória pessoal e profissional. Desde sua saída de Castro, no interior do Paraná, até suas andanças pela Europa.

O texto deste ensaio autobiográfico é bastante lírico, o que não é de surpreender, dado sua proximidade com a poesia portuguesa. Professor Jayme traça um belo perfil de sua infância no interior, com referências geográficas precisas. Toda sua narrativa é construída à luz de fatos aliados a um lirismo raro. Professor Jayme tem uma forte verve poética que é facilmente perceptível pelo leitor.

Quando o mestre Jayme me deu o livro, fiquei satisfeito por ele, contente por ele, pois tinha a certeza, mesmo antes de ler, que era um trabalho guiado pela emoção e de extrema competência estilística. Satisfeito também por conhecer um pouco mais certas particularida-

des do mestre que não conhecia muito bem. Foi com grande prazer e, por que não?, com algum orgulho, que recebi o belo presente, pois o livro foi entregue a amigos, colegas de trabalho mais próximos e familiares, ou seja, de certa forma faço parte de um grupo seletivo. Para o leitor ter uma breve noção do forte lirismo de *Quadros da minha vida*, transcrevo o primeiro parágrafo. Contemplem e deleitem-se. Evoé!

Pela manhã ventosa de inverno nos campos da Taquara, galopava uma mulher destemida. Na brancura da geada cobrindo grama e congelando as águas de lajeados, a campeira ao lado de seus peões iniciava a faina da fazenda. Trabalharia duro até o sol começar a decair no horizonte. O gado precisava ser reunido, alimentado, controlado, para que depois ficasse solto pelos capões de mato para um breve descanso antes de ser recolhido aos redis.



Apoio Cultural:

GAZETA DO POVO

PRÓXIMA EDIÇÃO:

Taina Bortotti
Priscila Lira
Cezar Tridapalli
Ágata Carolis

Guilherme Klock
Técnica: Grafite

TEIA DE ARANHA

*palavras recorrentes
nessa rede social
e frases que já li
ontem e mês passado*

*quadros de dali
desbotados que ignoro*

*enquanto descanso meu
cursor acidentalmente
em cima de sua foto de perfil
afinal quem é renato*